

## O nojo como argumento: semântica e ideologia nos neologismos escatológicos do X

Rafael Loango de Oliveira<sup>1</sup>

Vanderson Souza Manso<sup>2</sup>

Ana Maria Macedo<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo objetiva verificar como os brasileiros ressignificam algumas palavras da língua portuguesa brasileira, criando neologismos a partir de elementos escatológicos. O *corpus* é formado por neologismos semânticos, encontrados em redes sociais, em especial no X (antigo Twitter), a partir de levantamento de mecanismo de busca na própria rede social, a partir do qual serão separados e descritos os mecanismos estrutura da palavra e o campo lexical. Para consubstanciar a análise, serão mobilizados conceitos da semântica cognitiva, a partir de Lakoff e Johnson (1980), Lakoff (1987). Espera-se, com a presente pesquisa, elucidar os mecanismos linguísticos que materializam a polarização política e entender por que os usuários da plataforma X (antigo Twitter) utilizam certos neologismos e como isso se relaciona com suas interações online. Pretende-se investigar os contextos em que esses termos surgem e qual a intencionalidade ao usá-los. Além disso, analisar como eles refletem ou influenciam as dinâmicas sociais e culturais dentro da comunidade. A partir dos aspectos explorados, buscamos contribuir para uma compreensão mais profunda do papel da linguagem na formação dos neologismos e como isso reflete a identidade dos usuários.

**Palavras chaves:** Neologismos; Redes Sociais; Polarização Política; Comunidade; Semântica.

**Abstract:** This article aims to examine how Brazilians reinterpret certain words in the Brazilian Portuguese language, creating neologisms based on scatological elements. The corpus consists of semantic neologisms found on social media, particularly on X (formerly Twitter), based on a survey of the social media platform's search engine, from which they will be extracted, taking into account the word's structural mechanisms and lexical field. To substantiate the analysis, concepts from cognitive semantics will be employed, based on Lakoff and Johnson (1980) and Lakoff (1987). This research aims to elucidate the linguistic mechanisms that materialize political polarization and to understand why users of the X (formerly Twitter) use certain neologisms and how this relates to their online interactions. The aim is to investigate the contexts in which these terms arise and the intentionality behind their use. Furthermore, to analyze how they reflect or influence social and cultural dynamics within the community. Based on the aspects explored, we seek to contribute to a deeper understanding of the role of language in the formation of neologisms and how this reflects the identity of users.

**Keywords:** Neologisms; Social Media; Political Polarization; Community; Semantics.

<sup>1</sup>

Graduando do curso de Licenciatura em Letras -UNEMAT/ Sinop

<sup>2</sup>

Graduando do curso de Licenciatura em Letras -UNEMAT/ Sinop

<sup>3</sup>

Professora do curso de Licenciatura em Letras – UNEMAT/ Sinop

## Introdução

Entre a primeira e a segunda década do século XXI, surgiu no Brasil uma realidade que marcou e marca pessoas e instituições: a polarização política, que colocou amigos e parentes de lados opostos, agindo como inimigos. A atmosfera de hostilidade já se fazia presentes nos estádios e nas ruas em dias de futebol, mas, fora desse contexto, havia certa tolerância e coesão social. Atualmente, no âmbito político, direita e esquerda se digladiam nas redes sociais não apenas defendendo suas ideias, mas tentando derrotar intelectual ou fisicamente o adversário. O conflito político reverberou no plano geográfico, uma vez que Norte e Nordeste pertencem a um espectro político, enquanto Sudeste e Sul se situam em outro espectro. Neste trabalho, a atenção voltar-se-á ao espectro político, observando a forma como o adversário é nomeado.

As redes sociais deixaram de ser ferramentas de comunicação e se tornaram o palco da arena política. Destaca-se aqui que as plataformas não são neutras, são desenhadas para maximizar o tempo de permanência do usuário, utilizando os algoritmos de recomendação, que filtram o conteúdo com base nas preferências do indivíduo. Isso cria as chamadas bolhas ideológicas (ou câmaras de eco), em que o usuário recebe apenas informações que confirmam suas crenças prévias - viés de confirmação. Assim, a pessoa passa a acreditar que a sua visão de mundo é a única verdade, pois nunca é confrontada com argumentos contrários, apenas com versões caricaturadas do adversário.

O algoritmo busca não a verdade, mas o engajamento. Conteúdos que geram indignação, raiva ou medo tendem a ter um alcance maior do que conteúdos moderados ou analíticos criando, assim, um ciclo perigoso. O usuário posta algo polarizado *mérdia, merdeste, bostil*, o algoritmo detecta alto engajamento (brigas nos comentários), a plataforma entrega esse conteúdo para mais pessoas tornando invisível o discurso moderado.

Nesse cenário, a nomeação do adversário político torna-se agressiva e desumanizada, pois o outro não é mais cidadão com ideias diferentes, mas um inimigo a ser combatido, o que é validado por milhares de curtidas de pessoas que pensam da mesma forma. A política, que deveria ser o campo da negociação e do consenso, transforma-se em fonte de entretenimento, ou campo de espetacularização quando forma (o meme, a frase de efeito, o vídeo curto, o escândalo) tornam-se mais importantes do que o conteúdo como o projeto de lei, a política pública e o debate técnico.

Agentes políticos e seus seguidores passam a atuar como influencers, focando em criar cortes para o ambiente digital. O objetivo não é mais convencer o adversário através do diálogo, mas usar

linguagem depreciativa, denominada como *lacrar ou humilhar* o oponente para gerar satisfação imediata a sua “bolha” – compreendida como ambiente semântico e discursivo isolado – onde a eficácia da injúria é validada por quem compartilha o mesmo código, transformando a política em show, com o ataque sendo mais valorizado do que o argumento.

Assim, os neologismos escatológicos apresentam-se como ferramenta não apenas de desabono, mas de desumanização, ao tirar o opositor político do campo semântico da humanidade, colocando-o no campo semântico do abjeto. Na semântica cognitiva, a linguagem não é apenas descritiva, mas opera através de mapeamentos conceituais. Quando o opositor é associado ao repulsivo, ocorre a ativação de metáforas conceituais em que o adversário político é mapeado como resíduo biológico. O nojo, enquanto emoção primária, tem a função evolutiva de levar a afastar-se de substâncias que podem causar doenças. Ao transpor essa sensação para o campo político, a mente do emissor deixa de processar o outro como um interlocutor válido e passa a processá-lo como uma ameaça à higiene moral ou social do corpo político. Sendo assim, a metáfora do nojo transforma a divergência ideológica em uma repulsa visceral, tornando biologicamente insuportável a coexistência. Em termos de semântica lexical, a criação de neologismos escatológicos como, por exemplo, a fusão de termos políticos com referências a excrementos como *bosta* e *merda* fundem esses elementos públicos a termos abjetos cristalizando a polarização. Esses termos funcionam como atalhos cognitivos, em vez de se debater ideia, utiliza-se rótulo que já carrega consigo o peso da depreciação. Ao nomear a abjeção, a língua normaliza o antagonismo, o alvo é despojado de sua subjetividade e humanidade, sendo reduzido a uma categoria de impureza. Uma vez que o outro é lexicalmente transformado em lixo ou dejetos, a lógica deixa de ser a do debate e passa a ser a da eliminação, pois não se argumenta com o resíduo, apenas se descarta.

Pretende-se, portanto, no presente artigo, mapear o campo metafórico do dejetos sobre entidades geográficas e sociopolíticas mostrando que, nesse domínio, o adversário é despido de sua humanidade e rebaixado à categoria de resíduo inútil ou mesmo nocivo que, como tal, deve ser descartado para que o corpo social possa ser purificado. Ademais, quando a repulsa biológica é transposta para o debate público, qualquer possibilidade de diálogo fica interdita, pois a exclusão moral e simbólica está semanticamente justificada.

## **Fundamentação Teórica**

Esta seção fundamenta-se em contribuições da Semântica Cognitiva e da Semântica Lexical. Na perspectiva de Lakoff e Johnson (1980), as metáforas estruturam modos de compreender a realidade, projetando características de um domínio sobre outro. Já a Semântica Lexical permite compreender que a neologia não se limita à nomeação de novos referentes, mas desempenha importante papel na rotulação e categorização social. Desse modo, os neologismos escatológicos investigados funcionam como instrumentos linguísticos que cristalizam representações depreciativas do adversário, contribuindo para processos de desumanização e exclusão simbólica.

## **Redes sociais, algoritmos e polarização discursiva**

As redes sociais deixaram de ser ferramentas de comunicação para se tornarem um dos principais espaços de disputa política e ideológica da contemporaneidade. Essas plataformas não operam, porém, de forma neutra. Os mecanismos de recomendação são estruturados para aumentar os índices de engajamento. Para alcançar esse objetivo, os algoritmos selecionam conteúdos compatíveis com os interesses e comportamentos previamente demonstrados pelos usuários. Como resultado, formam-se as chamadas bolhas ideológicas, ambientes nos quais predominam opiniões semelhantes e raramente ocorre o contato com perspectivas divergentes.

Nesse contexto, o viés de confirmação é reforçado. O indivíduo passa a consumir informações que validam suas crenças prévias, consolidando a percepção de que sua visão é a única legítima. O adversário passa a ser representado por versões simplificadas, caricaturais ou estereotipadas. Estudos sobre comportamento digital indicam que emoções como indignação, medo e raiva tendem a produzir maiores índices de compartilhamento e interação. Por isso, conteúdos agressivos e polarizados recebem maior visibilidade do que moderados ou analíticos, retroalimentando conflitos.

A política, associadas à negociação, à convivência e à construção coletiva de sentidos, passa a incorporar lógicas de espetáculo próprias das mídias digitais. A produção de memes, frases de efeito, vídeos curtos e ataques virais torna-se mais valorizada que o debate de ideias ou a discussão de projetos e valores. O objetivo dos políticos e seguidores deixa de ser persuadir o interlocutor por meio do diálogo e passa a ser obter reconhecimento dentro da

própria comunidade ideológica. A linguagem depreciativa torna-se, assim, um instrumento de validação grupal e de fortalecimento identitário.

### **Cognição, metáforas do nojo e desumanização**

A Semântica Cognitiva compreende a linguagem como parte dos processos de conceptualização por meio dos quais os indivíduos organizam e interpretam a realidade.

Nessa perspectiva, os significados não são construídos apenas por definições lexicais, mas também por mecanismos cognitivos como metáforas, categorizações e projeções entre domínios conceptuais.

Na perspectiva de Lakoff e Johnson (1980), as metáforas estruturam modos de compreender a realidade, projetando características de um domínio sobre outro. Para os autores, a manifestação superficial de uma linguagem metafórica baseia-se, na verdade, em uma estrutura conceptual bem mais profunda. Sob essa nova perspectiva, as metáforas passam a ser o foco principal como reflexos diretos dos mecanismos cognitivos que guiam o pensamento humano geral.

Já a Semântica Lexical permite compreender que a neologia não se limita à nomeação de novos referentes, mas desempenha importante papel na rotulação e categorização social. Desse modo, os neologismos escatológicos investigados funcionam como instrumentos linguísticos que cristalizam representações depreciativas do adversário, contribuindo para processos de desumanização e exclusão simbólica.

### **Neologismos escatológicos e erosão da alteridade**

Para Ullmann (1977), o neologismo ocorre quando novas palavras são introduzidas no vocabulário ou quando termos já existentes adquirem novos sentidos (neologismo semântico). Eles surgem em decorrência de fatores emocionais, sociais ou pela necessidade de nomear novas realidades. No presente artigo, são analisados neologismos escatológicos surgidos à luz da polarização política. Tais formas lexicais caracterizam-se pela associação de indivíduos, grupos ou entidades sociopolíticas a domínios semânticos relacionados a excrementos, sujeira, resíduos ou outras categorias repulsivas.

Do ponto de vista da semântica lexical, essas criações funcionam como atalhos cognitivo, em que o falante recorre a rótulos que carregam consigo uma avaliação negativa pré-construída. O efeito não é apenas depreciativo, mas também categorial, pois o adversário deixa de ser percebido como sujeito singular e passa a integrar uma classe semântica associada ao abjeto.

Essa dinâmica está diretamente relacionada ao conceito de alteridade. A alteridade pressupõe o reconhecimento do outro como sujeito legítimo, ainda que portador de crenças, valores ou posicionamentos distintos. Contudo, quando o opositor é sistematicamente associado a domínios conceptuais ligados à sujeira, ao resíduo ou à contaminação, sua condição de interlocutor legítimo tende a ser enfraquecida.

A semântica lexical serve para mostrar que a neologia serve para nomear, mas acima de tudo para rotular e categorizar o outro aos cristalizar a desumanização no vocabulário de um grupo. Já para Lakoff e Johnson (1980), a metáfora é uma forma de estruturar a realidade. No caso das metáforas na política, o lugar de excremento ocorre a partir do seguinte processo: Domínio Fonte (Biológico/Repulsivo): excremento, aquilo que o corpo processou, mas que não serve mais; gera odor desagradável e deve ser eliminado para que o organismo permaneça saudável. Domínio Alvo (Social/Abstrato): lugar (como uma região ou país) ou a política de um local. Como a estrutura funciona: a "sujeira" deixa de ser física e passa a ser moral ou existencial. Se um lugar é "merda", a lógica biológica dita que ele é descartável, contaminante e repugnante. Isso desumaniza as pessoas que habitam esse lugar, pois elas passam a ser vistas como parte do "dejeito".

Ainda nesse contexto, Fauconnier e Turner (2002), afirmam que a mente humana opera por meio de processos cognitivos fundamentais que estruturam o nosso pensamento e a nossa capacidade de criar novos significados. Na obra *The Way We Think*, os autores sistematizam essas operações em três pilares essenciais:

- (1) Identidade: reconhecer semelhanças e diferenças, isto é, estabelecer identidade e oposição.
- (2) Integração: realizar integração (*mesclagem*) conceptual, que tem estrutura elaborada, propriedades dinâmicas e restrições operacionais.
- (3) Imaginação: o produto da integração conceptual é sempre imaginativo criativo. (Fauconnier; Turner, 2002, p. 6)

Essa relação fica clara ao compreender que os três pilares citados operam diretamente na Amalgamação Mental (Blending Theory). Essa teoria da integração conceptual de Fauconnier e Turner (2002) explica como criamos novos significados fundindo diferentes "espaços mentais", um

processo que depende da identificação de elementos comuns, da integração das estruturas e do resultado imaginativo gerado.

## **Metodologia**

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa e quantitativa de cunho descritivo-explicativo. O objetivo é mapear e analisar os neologismos de teor escatológico na rede social X (antigo Twitter). O arcabouço teórico articula a Semântica Lexical (Ullmann, 1977), para identificar os mecanismos de formação de palavras, e a Semântica Cognitiva (Fauconnier; Turner, 1980, Lakoff; Johnson, 2002), para desvelar as estruturas conceptuais subjacentes a essas criações linguísticas.

Os dados foram coletados manualmente diretamente na barra de pesquisa da plataforma X. Foram selecionados neologismos baseados em vocábulos escatológicos populares como *merda* e *bosta*. A partir dessas buscas, isolou-se uma amostra de neologismos gerados por usuários brasileiros em postagens recentes entre os anos 2025 e 2026.

## **Análise e discussão**

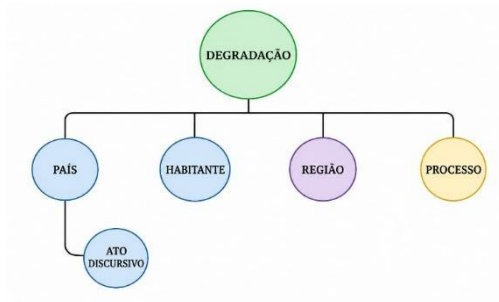
Susilowati<sup>1</sup>, Wijana e Cholsy (2026) apresentaram em artigo como o público usa metáforas desumanizadoras para demonstrar, no X (antigo Twitter), decepção com políticos da Indonésia. No Brasil, o público desumaniza não só o político, mas qualquer pessoa que se enquadra em espectro político oposto. Contudo, essa “morfologia da degradação” extrapola o palanque eleitoral e adquire contornos geográficos e demográficos, onde o território, a identidade nacional e a própria comunicação digital são contaminados. A linguagem exagerada da internet faz um amalgama do colapso institucional percebido ao cidadão, transformando a autocrítica num exercício contínuo de escatologia verbal, xenofobia interna e desumanização da identidade coletiva.

Para mapear como esses diferentes fatores de degradação se conectam e se estruturam de forma hierárquica no mundo digital, será apresentado um mapa conceitual como ferramenta analítica visual esclarecedora. Mapas conceituais são compostos por representações semelhantes às concepções construídas pelo indivíduo por meio da observação da realidade, em que ele considera as regras semânticas e analógicas.

## Mapa semântico

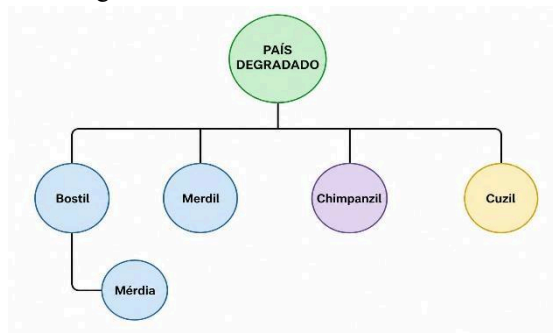
CAMPO CENTRAL

DEGRADAÇÃO / DESQUALIFICAÇÃO



A. País como espaço degradado

Refere-se ao Brasil ou a territórios imaginados como decadentes.



Semas predominantes.

### Lexema

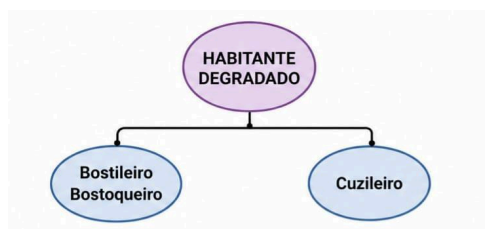
Bostil  
 Merdil  
 Chimpanzil  
 Cuzil  
 Mórdia

### Semas

país + sujeira + fracasso  
 país + podridão + decadência  
 país + animalização + irracionalidade  
 país + vulgaridade + desprezo  
 país + mídia/merda + corrupção moral

B. Habitante degradado

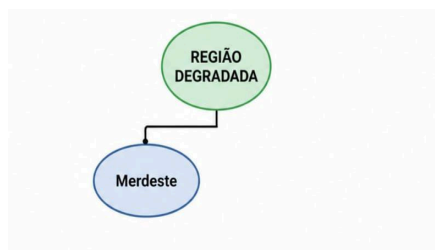
Designações pejorativas dos brasileiros.



## O nojo como argumento: semântica e ideologia nos neologismos escatológicos do X

<b>Forma</b>	<b>Semas</b>
Bostileiro	brasileiro + inferioridade
Cuzileiro	brasileiro + desprezo
Bostoqueiro	pertencente ao Bostil
Merdetero	agente associado à degradação

### C. Regiões degradadas



#### Semas

- Região
- Decadência
- Atraso
- Julgamento negativo

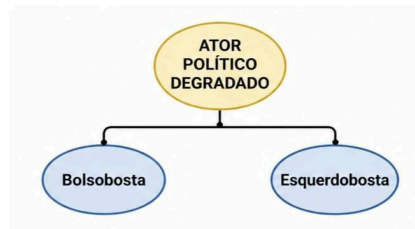
### D. Mistura de outros países



#### Semas

- Venezuela
- Brasil
- Crise
- Fracasso político/econômico

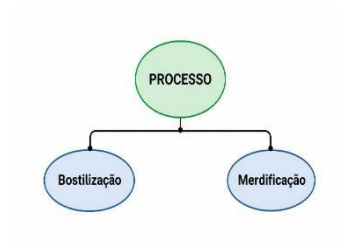
### E. Identidades políticas desgradadas



### Semas

- Pertencimento ideológico
- Rejeição
- Ridicularização
- Polarização

### F. Processo de degradação



#### **Forma**

Bostilização  
Merdificação

#### **Semas**

transformação em Bostil  
transformação em algo pior

### G. Atos comunicativos depreciados

#### **Forma**

Bostejamento  
Merdapostagem

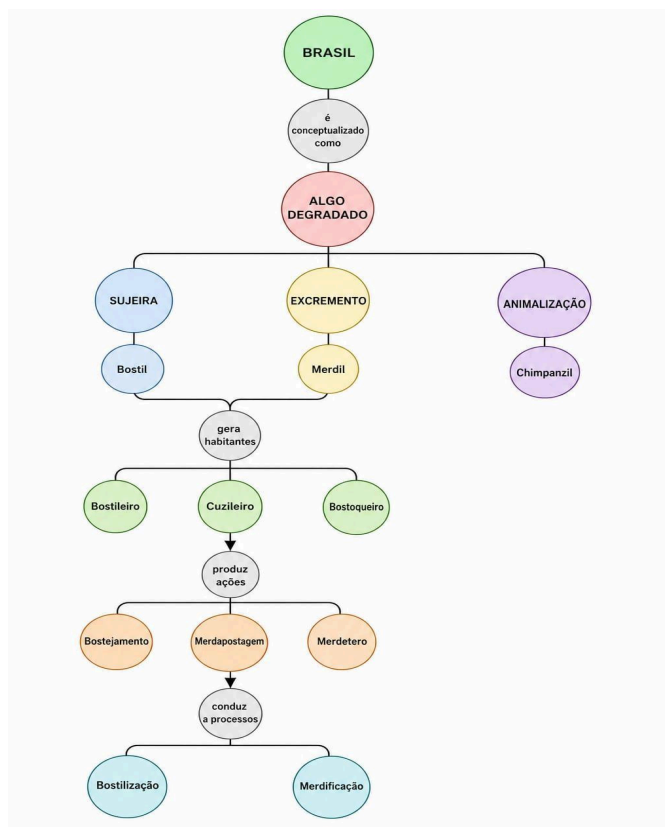
#### **Semas**

Falar besteira  
Publicar conteúdo considerado inútil

### **Mapa conceitual**

O mapa conceitual evidencia os mecanismos cognitivos que geram os neologismos.

## O nojo como argumento: semântica e ideologia nos neologismos escatológicos do X



### Metáforas conceituais subjacentes

Esses neologismos parecem organizar-se principalmente em torno de quatro metáforas conceituais (no sentido de George Lakoff):

#### 1. PAÍS É EXCREMENTO

Brasil → Bostil

Brasil → Merdil

Brasil → Cuzil

A. Decadência é sujeira

Piora social → merda

Piora política → bosta

Piora econômica → merdificação

B. Oponente político é resíduo

Bolsobosta

Esquerdobosta

C. Comunicação é lixo

Bostejamento

Merdapostagem

Do ponto de vista da semântica cognitiva e da neologia, todos esses vocábulos parecem derivar de um macro esquema conceitual de desumanização e degradação, no qual elementos escatológicos *bosta*, *merda* e *cu* funcionam como núcleos categorizadores para reinterpretar país, população, regiões, grupos políticos e práticas discursivas. Esse é um padrão interessante porque mostra que a neologia não atua apenas para nomear novos referentes, mas para construir avaliações sociais e identidades discursivas por meio de metáforas depreciativas recorrentes.

*Morfologia e Cognição:* A quebra da expectativa lexical. O mer- inicial ativa o frame de nojo antes mesmo da conclusão da palavra como *Merdeste*.

*Categorização e protótipos:* Os neologismos *Bostil*, *Merdil* e *Cuzil* são substantivos que têm estrutura semelhante, criados a partir da palavra Brasil a que são aglutinados elementos escatológicos *bosta*, *merda* e *cu*. A recategorização faz com que o país deixe de fazer parte de uma categoria neutra de nação e passa a fazer parte de uma categoria depreciativa. A formação por aglutinação - *bosta+Brasil*, *merda+Brasil*, *cu+Brasil* - age como uma estratégia de redefinição semântica, fazendo o referente ser reinterpretado a partir dos novos significados depreciativos, carregados de degradação e desprestígio.

Os termos *bosta*, *merda* e *cu*, utilizados nessa fusão, compartilham um núcleo semântico comum, estão ligados à rejeição social, por serem termos que possuem entre os traços protótipos a sujeira, impureza, degradação, repulsa e inutilidade. Ao serem associados à representação do Brasil, esses traços passam a orientar a categorização do país.

*Dimensão Afetiva:* Os termos Mérdia, Bostileiro, Bostoqueiro, Bostilização, Venezumerda, Merdeste, Bolsobosta, Esquerdobosta, Bostejamento, Merdapostagem, Cuzileiro, Merdetero e Merdificação são compostos por aglutinação com substantivos escatológicos associados à sujeira e à repulsa. Portanto, seu significado não se limitado à descrição de grupos ou ideologias, está carregado de julgamentos emocionais.

Entre as emoções mobilizadas por esses neologismos estão o nojo que age como uma espécie de contaminação simbólica, fazendo com que o referente nomeado passe a ser

considerado repulsivo ou impuro, deixando de ser somente criticado e passando a ser indesejável tal aproximação. Também são perceptíveis emoções como raiva e desprezo, sobretudo em contextos de disputa política, em que os neologismos funcionam como maneiras de hostilizar e desqualificar o oponente.

*Ideologia e Poder:* A formação desses neologismos funciona como instrumentos discursivos, utilizados por grupos sociais para expressarem suas visões de mundo mediante à sua bolha e identidade política. Ao nomear pessoas, países, regiões, grupos e ideologias a partir de elementos escatológicos, o falante produz uma classificação simbólica que atribui ao referente um lugar de inferioridade social, moral ou intelectual, pois sua linguagem passa a ser uma ferramenta capaz de legitimar julgamentos e criar/fortalecer fronteiras entre grupos distintos.

A predominância de elementos escatológicos não ocorre por acaso, pois, termos relacionados a excrementos e partes do corpo que são estigmatizadas socialmente, estão simbolicamente relacionados à impureza, ao descartável e àquilo que deve ser afastado do convívio social. Quando o falante incorpora tais termos em seu vocabulário, está adicionando aos “alvos” características de sujeira, degradação e indignidade, gerando um efeito de naturalização de uma visão negativa do outro, como se aquilo que foi-lhes dito fosse inerente.

Discursos com viés de degradação são utilizados com o intuito de desumanização. Os neologismos *macaquil* e *chimpanzil* não se tratam de neologismos escatológicos, mas têm objetivo semelhante - à animalização. Esses dois exemplos associam o alvo ao primitivo e ao irracional, fazendo referência a macacos e chimpanzés (macaco+Brasil, chimpanzé+Brasil), apontando o outro como menos evoluído, menos civilizado ou menos capaz de pensamento racional.

Apesar dos termos utilizados serem diferentes, o efeito discursivo é o mesmo: reduzir a humanidade do seu oponente e afastá-lo da categoria de sujeito legítimo, deslocando-o assim para uma posição simbolicamente inferior, onde seu discurso não terá credibilidade suficiente para ser aceito e debatido.

## Considerações finais

A presente pesquisa permitiu evidenciar que a criação de neologismos escatológicos no ecossistema da rede social X, não representa apenas um fenômeno de variação linguística ou a manifestação de impulsos emocionais isolados, mas constitui uma estratégia discursiva deliberada de desumanização. Ao mobilizar a Semântica Cognitiva e a Teoria da Integração Conceptual, foi possível observar que a transposição do domínio biológico do nojo para o domínio social da política opera como um mecanismo de "higienização moral", onde o adversário, seja ele um indivíduo, um grupo ideológico ou até mesmo uma região geográfica, é reclassificado como resíduo, tornando-se, portanto, descartável. Os resultados demonstram que termos como Bostil, Merdeste e Bolsobosta funcionam como atalhos cognitivos que anulam a alteridade. Quando a divergência ideológica é processada mentalmente como repulsa, o diálogo é interditado, pois não se negocia com o dejetivo; elimina-se o detrito. Assim, a linguagem deixa de ser um instrumento de mediação para se tornar uma ferramenta de cristalização da polarização, alimentada por algoritmos que privilegiam o engajamento através da indignação e do ódio.

Conclui-se que a morfologia da degradação analisada reflete a erosão do tecido democrático brasileiro, em que a espetacularização da política e a formação de bolhas ideológicas transformam a injúria em capital social dentro de comunidades digitais. A substituição do debate técnico por rótulos escatológicos revela a fragilidade dos espaços de convivência plural, onde a identidade do "eu" é fortalecida não pela construção de argumentos, mas pela aniquilação simbólica do "outro". Por fim, este estudo abre caminho para futuras investigações que possam analisar a evolução desses termos ao longo de diferentes ciclos eleitorais ou comparar a incidência de neologismos escatológicos em outras plataformas com dinâmicas de algoritmo distintas. Compreender a semântica do nojo é, em última análise, compreender os mecanismos de desumanização que precedem a violência real, tornando a análise linguística um campo essencial para a compreensão das patologias sociais da contemporaneidade.

## Referências

- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. **The Way We Think**: conceptual blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2002. [[1](#), [2](#), [3](#), [4](#)]
- SCHRÖDER, Ulrike Agathe. **Trinta anos da Teoria Conceptual da Metáfora**: uma retrospectiva crítica. Cad. Est. Ling., Campinas, 53(1), Jan./Jun. 2011
- SUSILOWATI, Novi Eka; WIJANA, I Dewa Putu; CHOLSY, Hayatul. Rats or Garbage? Dehumanizing Politicians through Metaphor. **Studies in English Language and Education**, v. 13, n. 1, p. 452-465, 2026.
- ULLMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. 5. ed. Tradução de J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.
- LAKOFF, L.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana** [Coordenação de tradução Mara Sophia Zanotto]. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.